

O Tao do câmbio para principiantes

por Gustavo H. B. Franco

Como qualquer pessoa, nesses dias que passam, tenho gastado muito mais tempo do que gostaria em aeroportos. Ainda bem que eles têm livrarias, embora de qualidade quase tão boa quanto a dos restaurantes. O viajante que se distrai folheando os livros, especialmente os das seções pertinentes a negócios e economia, facilmente compreende a natureza desta manifestação cultural e filosófica conhecida como “literatura de aeroporto”, cuja influência, tenha-se claro, vai bem além desses recintos.

Um dia vou escrever um livro de aeroporto, coligindo leis da economia, mas não as que se ensinam nas faculdades, como a da oferta e da procura, muito óbvias, mas leis como as dos manuais de sucesso nos negócios, nas vendas, e na busca da felicidade. Leis que fazem com você, leitor, saia da sua rotina cômoda e seja um vencedor. Leis que expliquem como a economia verdadeiramente funciona.

Eu sei que Alexandre Kafka e Roberto Campos já tiveram esta ideia anos atrás; não tanto por conta do caos aéreo, mas porque ouviam insistentemente que o Brasil obedecia a leis diferentes daquelas que havia nos manuais de economia. Por conta disso publicaram um pequeno ensaio com cerca de uma dúzia de leis, que ficaram conhecidas como “As leis do Kafka”. O Kafka era tcheco como o Franz, e algumas de suas máximas eram decididamente kafkianas, como a sétima, denominada “lei newtoniana da burocracia”, muito pertinente para os assuntos cambiais, segundo a qual: “Toda ação no sentido de liberalização, provoca uma reação de controle burocrático, de igual intensidade, embora de forma disfarçada”.

Num esforço de atualizar essas leis fiz uma coleta inicial de cerca de 70 novas leis, uma das quais, fundamental para o assunto dessa crônica, e um clássico da produção legislativa brasileira. A Lei de Sauer, uma justa homenagem a Wolfgang Sauer, ex-presidente da Volkswagen do Brasil, e de entidades patronais que atuaram em defesa os exportadores brasileiros, todavia, tem um sócio.

Certa vez em São Paulo, conheci um senhor que com grande delicadeza me explicou que, na verdade, foi ele quem disse a frase que se tornaria a lei, mas que Sauer, talvez mesmo sem querer, foi tantas vezes entrevistado entrando ou saindo de gabinetes de autoridades para reclamar do câmbio, que a ideia ficou sua. De todo jeito, o certo é redenominar a lei como de Sauer e deste simpático senhor, de nome Laerte Setúbal, também ex-presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB)

A Lei de Sauer-Setubal é simples: qualquer que seja a taxa de câmbio, ela estará sempre defasada em 30%.

Parece estranho para os dias que correm, pois era uma sabedoria de um outro Brasil. Quando tínhamos taxas de câmbio administradas, ou seja, quando o Banco



GUSTAVO H.B. FRANCO é economista e professor da PUC-Rio e escreve quinzenalmente em ÉPOCA. Foi presidente do Banco Central do Brasil.

<http://www.gfranco.com.br/>
gfranco@edglobo.com.br

Central tinha poder de fixar a taxa de câmbio onde bem entendesse, exportadores e importadores, por razões simétricas, se colocam sempre em crônico estado de pânico, com respeito aos critérios usados pelo BC, tal qual concessionário de serviço público diante do poder discricionário da Autoridade que estabelece a tarifa.

O conceito de defasagem cambial, com efeito, tem a atualidade e a relevância de um fusca 68. Mas em 1996, foram muitos os que se irritaram comigo quando enunciei um raciocínio tão simples quanto venenoso a propósito da obsolescência desta noção: O fato do preço da banana, cair em função de uma super-safra, não quer dizer necessariamente que há uma "defasagem bananal".

Quantas vezes eu ouvi de tantos sábios a profunda e tola sabedoria envolvida na observação de que "câmbio não é banana", sempre com vistas a explicar que a lei da oferta e da procura tinha sido revogada anos atrás pelos estruturalistas e heterodoxos.

Se houve revogação, não contaram para Warren Buffet. É verdade que a lei da oferta e da procura não está entre as 125 máximas de um livro recente sobre suas melhores receitas para ganhar dinheiro na bolsa. Mas o fato é que, acreditando nela, ele ganhou US\$ 2,3 Bilhões nos últimos cinco anos apostando na valorização do Real.